**A princesa que se perdeu na floresta**

Era um rei viúvo. Sua filha era mais linda do que as pedras preciosas e as estrelas mais brilhantes do céu. O rei adorava a filha, mas tinha um desgosto. Nunca ter tido um filho homem que pudesse, um dia, herdar seus domínios e comandar seus exércitos e os destinos de seu povo. Mesmo assim, em lugar de casar-se de novo e tentar ter o filho que tanto almejava, o rei havia tomado uma decisão: seria sua filha, e mais ninguém, a futura rainha e senhora de tudo o que possuía.

E a princesa cresceu, cada vez mais bonita, mimada e difícil de dominar. Desdenhava dos perigos. Nadava nas lagoas escuras. Gostava de arriscar-se pelas estradas saltando barrancos e cercas com seu cavalo alazão.

Um dia, procurou o pai. Disse que pretendia fazer uma caçada. O rei ficou preocupado. Argumentou que lugar de mulher era em casa, perto do luxo, das roupas, das jóias e dos perfumes, mas também de viajar, conhecer lugares distantes e andar pelas estradas enfrentando os imprevistos. O rei, como sempre, acabou concordando.

Tempos depois, a princesa partiu acompanhando um grupo de caçadores. Foi elegante, vestindo saia de veludo e um par de luvas brancas. O mato ficava cada vez mais fechado e a menina cada vez mais feliz. Ia na frente de todos montada em seu alazão. Tanto andou, tanto fez, tanto correu que, quando viu, estava perdida na floresta. Nem por isso se preocupou. Como estava calor, resolveu procurar um rio para matar a sede. Acabou encontrando uma fonte, bebeu água e, para esperar os outros caçadores, acomodou-se numa pedra e dormiu.

Estava no mais lindo dos sonhos, quando apareceu um príncipe. O rapaz, filho de um rei vizinho, nunca havia visto antes uma pessoa tão bonita e delicada. Ficou esperando a moça acordar, mas ela, cansada, continuou dormindo profundamente. A noite estava chegando. O príncipe achou melhor ir buscar uma carruagem para levá-la. Para marcar sua presença, pegou uma das luvas brancas da moça e foi embora.

Mal o rapaz partiu, a menina abriu os olhos. Percebendo o anoitecer, saltou em seu cavalo e saiu em busca dos companheiros. Varou a noite escura sem encontrar ninguém. Acabou chegando a um país distante. Com medo de revelar quem era e correr o risco de ser considerada impostora, foi ate uma loja, comprou roupas bem simples e arranjou emprego de criada no palácio do rei. A rainha logo simpatizou com a moça, determinando que ela passasse a fazer companhia à sua filha, a princesa, que, infelizmente, era louca. A pobre doente passava, de tempos em tempos, por momentos incompreensíveis de desanimo e tristeza. Nessas horas, trancava-se no quarto, deitava-se na cama e não queria comer nem falar com ninguém. Além disso, sofria de delírios, às vezes não sabia quem era, escutava vozes, dançava sem ouvir música e, uma vez, chegou rasgar as próprias roupas e sair despida pelas ruas da cidade.

A outra princesa, a que agora tinha virado criada, com pena, procurando tratar a menina doente da melhor forma possível, resolveu ensiná-la a jogar cartas. Certa tarde, o céu ficou escuro e as luzes do castelo e da cidade se apagaram. Assustadas, as pessoas correram trancando-se em suas casas. A princesa criada fez diferente. Mandou a menina doente ficar no quarto esperando e saiu para ver se descobria a razão daquela inesperada falta de luz. Andou, andou até enxergar um clarão no meio do mato. Chegando perto, viu dos imensos cachorros peludos, em volta de uma fogueira, andando sobre duas patas e mexendo uma colher, num caldeirão. Juntos deles, um homem mal-encarado recitava:

Gira que gira que enquanto girar

A doce princesa não pode pensar

Mexe que mexe que enquanto mexer

A doce princesa vai enlouquecer

A jovem não teve medo. Saiu de trás dos arbustos e, diante dos surpresos personagens, contou que a luz do palácio havia acabado. Pediu fogo para acender uma vela. Disse mais. Revelou que, justo agora, estava no meio de animado jogo de cartas com a princesa. Precisava de luz para terminar a partida. Ouvindo isso, o mal-encarado arregalou os olhos.

- Não é possível! – disse ele. – Todo mundo sabe que a princesa é louca e não consegue nem pensar, quanto mais jogar cartas!

Fingindo surpresa, a moça deu risada. Disse que o homem estava enganado. Contou que era criada da princesa fazia tempo e que a moça era muito bonita, esperta e inteligente. No baralho, então, completou, era quase invencível.

Furioso, o homem começou a gritar:

- Quer dizer que vocês estavam me enganando esse tempo todo? – E agarrando os cachorros pela nuca, atirou-os no caldeirão fumegante.

Enquanto isso, a menina acendeu a vela, despediu-se e voltou correndo para o palácio. Encontrou as luzes acesas e a princesa completamente curada, pois seu encanto havia chegado ao fim.

A fama da criada correu mundo, chegando aos ouvidos de outro rei. A filha deste, infelizmente, também era doente. A coitada não conseguia falar. Seu pai mandou convocar os serviços da criada, que, imediatamente, aceitou o desafio.

Chegando ao palácio, logo fez amizade com a princesa muda. As duas passavam o dia conversando através de gestos, fazendo caretas e dando risada. A criada, enquanto isso, investigava, tentando encontrar algo que pudesse estar causando a doença da moça. Sem descobrir nada, pediu autorização para dormir no quarto da muda. O rei concordou.

Na primeira noite, assim que a princesa doente fechou os olhos, a criada escutou um ruído. Fingindo que estava dormindo, ficou espiando com o rabo do olho. Um alçapão abriu-se no chão do quarto e dele saiu um cachorro imenso, escuro e tão feio que, horrorizada, a moça não conseguiu continuar de olhos abertos. No dia seguinte, procurou o alçapão no piso do quarto, mas não encontrou nada. Na segunda noite, aconteceu a mesma coisa. O cachorro apareceu e, de novo, a moça não teve forças para olhar. Na terceira noite, a princesa criada criou coragem e respirou fundo. Já passava de meia-noite. O palácio parecia mergulhado num silencio de morte. Mais uma vez, o alçapão abriu-se no piso do quarto deixando passar o cachorro. O animal andava sobre duas patas, arrastando o rabo peludo no chão. A criada ficou só espiando. O monstro aproximou-se da princesa muda, colocou um anel dourado em seu dedo e beijou-a longamente. Em seguida, voltou para o alçapão e desapareceu. Mais que depressa, a criada saltou, arrancou a aliança do dedo da menina, atirou longe pela janela e voltou para a cama. Antes da madrugada, o cachorro voltou e beijou a pobre menina de novo. Ao notar que o anel havia sumido, ficou muito agitado. Vasculhou as camas das duas moças, falou coisas incompreensíveis, farejou e agachou-se no chão, examinando os quatro cantos do quarto. O dia vinha raiando. Ganindo desesperado diante dos raios de sol, o cachorro saltou no alçapão e desapareceu.

No dia seguinte, a princesa muda acordou falando. O encanto havia se quebrado. E a moça chamou as pessoas pelo nome. E cantou. E gritou. E dançou. Chorando de felicidade, o rei organizou uma festa, convidando o povo e os nobres do reino.

Passando um tempo, mais um pedido veio de longe. Agora era um rei que já nem dormia de tanta preocupação. Seu filho tinha encontrado uma moça, um dia, no meio da floresta. O rapaz apaixonou-se perdidamente mas ela havia desaparecido. O rei estava aflito. Seu filho, antes um gigante de força e saúde, caíra doente e não queria mais comer nem saber de nada. Para o moço, a vida não fazia mais sentido longe daquela moça.

A princesa que um dia havia se perdido na floresta sentiu que devia atender ao pedido daquele pai desesperado e viajou. Encontrou o pobre príncipe deitado na cama, de olhos fechados. O jovem parecia mais morto do que vivo. Segurava entre as mãos uma luva branca. A moça ficou surpresa. Era exatamente uma das luvas que havia perdido um dia na mata.

- Mas eu conheço essa luva! – exclamou ela.

O rapaz continuou imóvel na cama. A princesa contou que era dona daquela luva. A voz do rapaz veio fraca e rouca:

- Se isso for verdade, você deve ter a outra.

- Está aqui na minha mão! – respondeu a moça.

Só então o príncipe abriu os olhos. Ao ver a luva e depois a moça deu um salto da cama, e, gritando, chamou a família. Anunciou que havia achado a pessoa que tanto procurava e agora já não sentia vontade de morrer.

Foi um dia de encanto e alegria.

A princesa revelou quem era e como havia se perdido na floresta. Chorou. Disse que sentia saudade de seu pai.

O príncipe pediu a moça em casamento.

O pai da princesa foi avisado, e em menos de um mês, na mais linda festa que jamais houve, foi celebrado o casamento dos dois jovens. Como madrinhas vieram a princesa que antes não sabia falar e a outra que, um dia, foi tida como louca.

*Azevedo, Ricardo. Bazar do folclore. São Paulo: Ática, 2001. p 5-10.*